



Kátia Cilene
Cantora

Minúcias inquietas: talento, perseverança e fé em desenfreada combustão de forró e sentimentos

Há um brilho no olhar que paralisa e tranquiliza quem se dispõe a encará-lo. Luz que, embora no início surpreenda pela timidez com a qual é apresentada, brevemente contorna a ordem lógica dos fenômenos e vai se materializando em memórias, saudades, risadas, paladar vivo de uma existência singular. É só deixar a animosidade penetrar o espírito e tudo flui, essa energia magnetizante fica à vontade para ganhar corpo e, assim, ganhar também o mundo, quase como se possuísse tentáculos de emotividade.

Em Kátia Cilene Uchôa Gomes são os olhos os falantes, ou melhor, o brilho que emana dos globos oculares. Com a boca fica outra missão: a de encantar pelo cantar. Pelo agir. Pelo sentir. Pelo existir. Se unirmos os pares, então, tem-se um desejo acanhado de promover uma sensibilidade febril, dessas que viram labaredas de influência, tamanha a vontade de ir além dos suportes pré-definidos pela anatomia corporal. Não se engane: acima de tudo, estamos falando de expansão sentimental.

Talvez por essa razão, nada do que é proferido pela cantora soe, à primeira vista, apoteótico. O que ela deseja mesmo é, com as cordas vocais, tocar e deixar-se ser tocada pelas minúcias. Assim, dialogar visualmente com as plateias que bradam "Meu vaqueiro, meu peão" – o maior sucesso enquanto esteve na banda "Mastruz com Leite" – quase como um hino das loucas paixões cravejadas na carne, é, simultaneamente, preencher corações e ter o coração preenchido, arrebatado e ser arrebatado. Brilhar e deixar o esplendor do brilho de outros olhares encontrar o seu.

Entretanto, a mesma Kátia que é borbulha inquieta no caldeirão forrozeiro também é fagulha insone no ato de ouvir a própria espiritualidade. A menina, a partir do contato tão profundo com a avó, logo se permitiu

virar uma adulta sensível às vozes nos recintos presentes. Aprendeu cedo a ouvir o tutano da alma numa comunicação inaudível, contudo, na mesma medida, poderosa e transformadora. Por isso, a mediunidade que a faz ser hoje pétala condoída atenta às inúmeras manifestações de almas dispostas a dialogar.

Agora, para. E deixa o deleite de visualizar horizontes melhores para si mergulhar na profundidade dos atos empreendidos com tanto vigor. Como quando era criança e tornava o birô do professor da escola palco rotatório para pequenas conquistas: é que queria ser artista logo e a fama logo alcançou-a. E nunca mais a deixou. Agora, só continua.

Deve ser o poder do brilho nunca extinto. E segue, intrépido, com a graça de perpetuar melhores perspectivas de bem viver. Para ficar mais forte no coração e ser bússola que conduz a um estado emotivo permanente, confortador e sobressaliente na dinâmica louca da rotina cotidiana. Assim como a tranquila fala de Kátia, assim como as brancas mãos, movimentadas para dar sentido à arrebatada própria do movimentar frenético da matéria física.

Kátia Cilene é presença poética que evoca o amor. Não obstante, carrega consigo a graça de ser artista, filha, neta, mãe e, por que não dizer, voz. Brado que se manifesta como tatuagem: está grudado, está colado e imprime ternura e luminosidade. Deixar-se levar pelos relatos da cantora é tornar crível um fato: com garra, podemos escrever nossa odisseia rotineira e transformá-la em esplendor inefável. Assim como a mulher que, desde há muito, é um dos maiores nomes do forró cearense e não vai parar de fascinar. Para frente (e com o mesmo brilho de sempre), Kátia!

Equipe de Produção:

Ana Rute Ramires
Julia Lonele

Entrevistadores:

Aline Medeiros
Ana Rute Ramires
Caio Vitor
Carol Melo
Claryce Oliveira
Diego Barbosa
Julia Lonele
Kamylla Karen
Nicolas Paulino
Theyse Viana

Texto de abertura:

Diego Barbosa

Fotografia:

Filipe Pereira



Entrevista com Kátia Cilene, dia 19 de maio de 2016.

Julia – A gente vai começar pela questão da infância. Como a gente conversou na pré-entrevista, você falou de figuras muito fortes na sua vida, falou na dona Fátima (*mãe de Kátia Cilene*), que era uma mulher justa e barulhenta, falou da sua avó dona Edite e até da dona Gorete (*ex-sogra e amiga de Kátia*). Como foi crescer com a influência de mulheres tão fortes?

Kátia – Eu sempre tive uma personalidade muito forte, porém, muito tímida. Eu sempre fui mais de observar do que de falar e acho, dentro de mim, que isso estava muito forte e eu passei a observar pessoas que eu admirava dentro de mim. Eu não contei de uma pessoa porque no momento eu não lembrei, mas também foi muito importante na minha vida, que é a minha madrinha, Antonia Maria. Eu me esqueci de falar para ti, porque a gente tem tão pouco contato devido à vida corrida, mas ela é uma das mulheres que eu mais admirava na vida. Acho que porque ela trabalhava fora, já ser gerente, na época, isso era bem importante. E todas as tardes eu a esperava, eu era bem pequena, ela morava na mesma rua e eu passava correndo e dava a bênção, mas eu a admirava... Admirava demais! E eu me lembrei disso porque agora foi Dia das Mães e ela não me esqueceu, me mandou um recadinho no *whats* (*aplicativo de conversa*) e eu fiquei: "Poxa vida! Ela não me esqueceu".

Outra pessoa foi a minha avó pela história de sofrimento dela, ela foi uma mulher que sofreu muito e partiu muito nova com 53, 54 anos... Ela veio carregada de doenças, ela veio sofrendo mesmo, ela não teve qualidade de vida porque passava um mês em casa e um mês no hospital. Como eu era a neta mais velha das mulheres, eu era a companhia dela durante o dia. A gente morava na mesma rua e, como eu passava muito tempo com ela, eu vi aquilo tudo de perto.

Eu fazia companhia para ela lendo, ela me pedia muito para ler a Bíblia para ela. Ela tinha um lado religioso muito forte. Ela tinha uma questão com a mediunidade, mas ela era muito católica, mas ela via, entendeu? Ela tinha essa coisa também e eu também tinha muita admiração porque eu gostava do que ela falava dessa parte espiritual, eu me identificava muito com isso, foi um aprendizado muito grande eu ter vivido tantos momentos

com ela, mesmo momentos sofridos. Eu tinha um amor assim: enorme e especial.

Teve uma vez que ela teve de fazer uma viagem para Canindé (*município onde ocorrem romarias por São Francisco, a 100 quilômetros de Fortaleza*) e eu fiquei muito magoada com ela porque ela não me levou, levou outro neto dela, eu disse: "A senhora gosta de mim, como é que a senhora não vai me levar?" Quando ela voltou de viagem, ela falou: "Olha, me arrependi..." (*risos*) "Esse menino só me deu trabalho, me arrependi de ter levado esse menino, você que é minha companheira mesmo". Ele era o neto mais velho dos homens, e eu ficava emocionada pelo fato de ela ter se arrependido, de não ter me levado.

Assim, foram muitos momentos especiais com ela. E a dor maior que eu tive foi quando ela partiu. Eu estava chegando do colégio e algumas pessoas, por imaturidade, me deram a notícia no caminho, não deixaram eu chegar em casa. E foi no dia que eu ia visitá-la. Eu fiquei pedindo várias vezes: "Eu quero ver minha vó, Eu quero ver minha vó" e ninguém me levava e, no dia que eu ia, ela faleceu e foi uma dor muito grande e essa ligação continua a vida inteira. O carinho, o respeito por ela é muito grande.

Diego – Kátia, você mencionou agora há pouco que a arte gritava dentro de ti. Quão alta ela gritava ainda na infância?

Kátia – Eu era louca pelo *ballet*, pelo *jazz*, pela dança... Eu dançava para minha avó! Eu já tinha flexibilidade, fazia a abertura e ela dizia: "Minha filha, pelo amor de Deus!" Ela me ajudou a procurar a academia de dança, comprou a minha primeira roupinha do *ballet*, a minha sapatilha, o aquecedor do *jazz*... Porque eu queria fazer os dois, eu amava. Com o passar do tempo, eu descobri que eu sabia cantar também e não deu certo não. (*risos*)

Rute – Ainda sobre a família, você relatou a presença muito forte dos seus irmãos, escolheu o nome de todos eles e, apesar de ter uma irmã mais velha, com a proximidade deles você é que *era* a mais velha, como era isso?

Kátia – Verdade. Minha mãe sempre foi uma mulher muito guerreira, nessa questão de buscar os objetivos dela, ela me pegava, pegava meu irmão mais velho, na época, tinha dois e um na barriga, e saía carregando

Kátia Cilene Uchôa Gomes nasceu em Fortaleza, em 23 de outubro de 1975. É a mais velha dos quatro filhos de Maria de Fátima Uchôa Gomes e José Nilson Gomes dos Santos, além de ter uma irmã mais velha apenas por parte de pai.

Kátia foi escolhida para participar da 36ª Revista *Entrevista* com quatro votos, sendo a segunda mais bem votada para esta edição.

Julia pediu à turma para ficar com a produção da entrevista devido à grande afinidade que tinha desde criança com as músicas interpretadas pela cantora e por acompanhar a trajetória do forró na capital.

“Eu queria ter uma irmã superinteligente, eu achava que a minha irmã ia me dá altos conselhos, mas me decepcionei pelo fato de ela ser muito imatura”.

os três em todos os lugares. Não tinha isso, ela queria ver a gente feliz de alguma forma. No Dia das Crianças, tinha uns brinquedos grátis em alguns bairros, mesmo que a gente tivesse de pegar filas quilométricas para se divertir, ela estava lá do nosso lado.

Eu sempre opinei nessa questão de botar o nome dos meus irmãos, só não o do Mário Celso porque ele era o mais próximo de mim, então, eu era muito pequena. Mas a minha irmã, a Katiana, fui eu (*que escolhi o nome*) porque eu achava que tinha de parecer com o meu e o do meu irmão mais novo, que é o Marlielson... Porque era o nome de um professor meu, na época da sexta série, eu era louca por esse professor, não era apaixonada, mas eu o admirava, ele era muito inteligente e ele me reprovou, mas eu era louca por ele. (*risos*) Minha mãe engravidou no mesmo período, eu quis Marlielson porque parecia com Mário Celso (*nome do outro irmão de Kátia*) eu achava que tinha alguma coisa a ver. Quando ele soube, ficou bem emocionado. Depois de uns anos, fizeram tipo um arquivo confidencial comigo na TV, acho que foi na Jangadeiro (*emissora de televisão sediada em Fortaleza que opera desde 1990*) e encontram-no e não sei como e ele deu um depoimento e eu: “Nossa! Não acredito!” (*risos*)

Nícolas – Para a produção da entrevista, você falou que queria ter uma irmã mais velha e ficou muito feliz ao descobrir que tinha uma irmã mais velha. Você se cobrava ou era cobrada por ser a irmã mais velha?

Kátia – Eu sofria muito com essa questão de ser a irmã mais velha porque eu tinha ciúme, não dos meus irmãos, mas do amor que meu pai passava para eles, entendeu? Hoje eu entendo, sempre o mais novo requer mais atenção, o mais velho tem aquela coisa de entender mais as coisas, mas, na época, eu não entendia, eu queria ser tratada da mesma forma, mas eu não era, eu era tratada como a irmã mais velha: “Vá ali fazer tal coisa” ou “Vá ali olhar o menino”. Mas pelo fato de eu ter descoberto uma irmã mais velha, eu queria ter uma irmã superinteligente, achava que a minha irmã ia me dar altos conselhos, mas me decepcionei pelo fato de ela ser muito imatura. Mas a vida não deu

oportunidades de ela ser uma pessoa melhor que fosse inteligente e tal. E eu respeitei, eu aceitei e, sempre que ela precisa de mim ou de alguma coisa, no mínimo que seja, eu tô ali do lado dela.

Kamylla – Na maioria das vezes, a gente percebe que você fala da sua infância com o sorriso no rosto, com o olhar brilhando. Mas a gente sabe que nem sempre as coisas são fáceis. O que mais marcou? Alguma coisa difícil que aconteceu na sua infância e marcou?

Kátia – Eu não tive uma infância muito triste, não fui uma pessoa que teve muitos problemas. Talvez a minha mãe não deixasse isso passar para a gente, talvez, se tivesse, não deixava perceber. Eu venho de uma família muito humilde, mas meu pai trabalhava e minha mãe também. Eu vi chegar minha primeira TV em casa, eu vi chegar a minha primeira geladeira, eu me lembro de tudo isso e me recordo demais... Aquilo foi muito bom e muito especial, como eu não nasci com tudo dentro de casa, então, aquilo era muito especial para mim.

A única coisa que eu realmente senti foi que eu nunca vi meus pais felizes, eles dois. Eles brigavam muito e resolveram se separar ano passado (*referindo-se ao ano de 2015*). Eles não eram felizes e isso me maltratava muito, me maltratava demais e isso era o lado mais triste...

Theyse – Kátia, você disse em alguns momentos da pré-entrevista que se sentia deslocada na família. A que se deve esse sentimento? Tem alguma influência com relação a essa crise com seus pais?

Kátia – Pode ter sido uma coisa que o relacionamento deles... Eu era uma pessoa que observava muitas coisas da minha vida, principalmente as famílias. Eu via as famílias unidas, eu via os pais unidos e eu chegava em casa era totalmente diferente, era confusão e confusão... Não dava para entender muito bem. A questão do deslocamento que eu me sentia era porque eu pensava de uma forma muito mais lá na frente e eles aquela mesmice: “É isso aqui”, “Hoje é isso aqui”. E eu pensava não em questão financeira, mas em questão de conhecimento, porque eu queria tá buscando alguma coisa que não tinha ali. É

Apesar de não ter muita familiaridade com o tema, Ana Rute topou fazer dupla na produção com Julia, já que, desde o início do curso, fazem os trabalhos juntas. No entanto, curtiu muito o tema.

tanto que a arte me ajudou muito, eu mesma ir buscar, se eu *tava* assistindo à TV, o endereço *tal*, o telefone *tal*, eu ia bater lá, não queria nem saber, eu dizia: "Ai eu vou mostrar minhas músicas para o produtor musical".

Na época, eu era compositora, tinha meu grupinho musical e eu dizia: "Vocês dançam e eu canto". Mas eu também gostava de dançar. A visão da gente é uma coisa e a deles (*produtores musicais*) é outra coisa completamente diferente. E eu não fui muito feliz nessa entrevista que eu fui conversar, mas eu não desisti, tanto que eu falei para a minha mãe: "Olha, eu não vou desistir fácil assim, é o meu sonho e é o que eu quero".

Caio – Mas tem o lado bom em viver em um bairro simples, numa família simples. Como foi a sua infância no Parque São José (o bairro é o Parque São José, bairro em que Kátia Cilene cresceu, o bairro faz parte da periferia da cidade de Fortaleza)?

Kátia – Foi muito boa! Foi legal! (*risos*)

Julia –... Sua mãe falava da vizinha, você pulava a janela para ir à casa dela...

Rute –... Ela fechava a porta e você pulava para ir à casa da vizinha...

Kátia – Eu tinha uma personalidade bem forte, o que eu queria, eu tinha de fazer... E meu pai era aquela pessoa bem ciumenta, ciumenta com a gente, mas não era nem ciúme, era controle. Até hoje ele quer *tá* controlando alguma coisa. Ele sentava na sala assistindo TV, eu ficava na calçada, em frente tinha um poste, *escorava* ali e prestava atenção na rua, quando meu pai virava, eu

dava só uma passada e corria para o outro lado da rua. Ele já mandava me chamar... E a hora de entrar era sete horas da noite, não podia assistir TV, eu sem sono, todo mundo sem sono.

Eu tive alguns conflitos grandes com ele, quando eu fiquei adolescente, porque eu não aceitava de forma alguma (*as atitudes do pai*). Quando eu comecei a trabalhar no Mastruz (*Mastruz com Leite banda brasileira de forró eletrônico, oriunda de Fortaleza, na qual Kátia Cilene cantou por 17 anos*), eu me dedicava 24 horas à banda. O Mastruz tocava cinco horas por noite, eu era a única mulher da banda e a gente fazia dois shows por noite. No outro dia, de manhã bem cedo, já tinha o Forrozão da 93 (*programa de forró que reúne bandas para cantar seus sucessos, apresentado por Wagner Venturini*). Às vezes, eu nem voltava em casa, já ficava lá para abrir. Mas, na semana, eu queria ir ao shopping, eu estava com dinheiro, eu queria comer algo que eu nunca tinha comido, eu queria um lazer e ele não queria deixar. Teve uma vez que eu tive de peitar ele, eu disse: "Acabou, entendeu? Eu estou trabalhando, eu estou ajudando vocês e eu tenho direito de fazer as coisas que eu gosto".

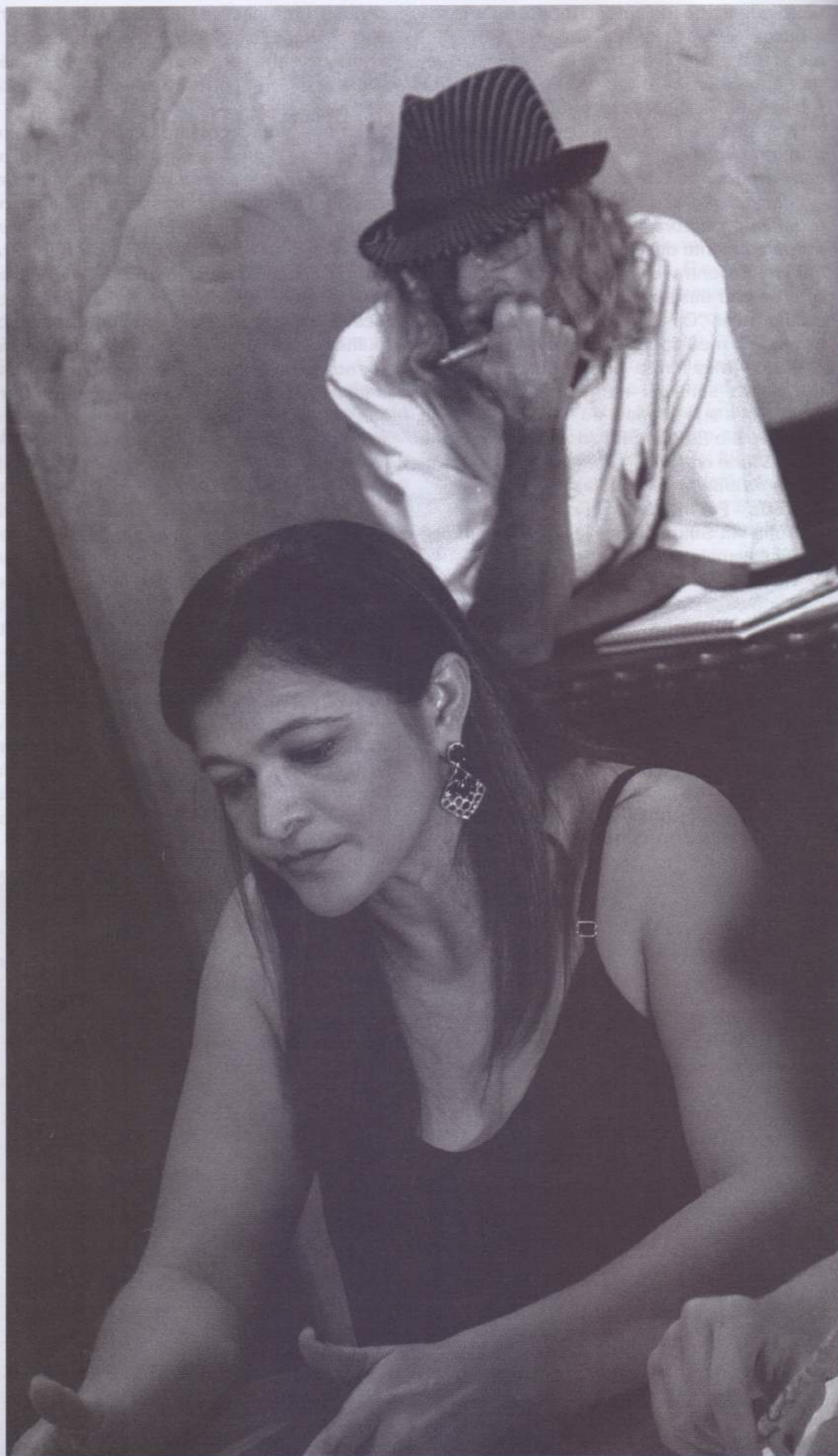
Meu pai já chegou a me bater, umas duas ou três vezes, porque eu não aceitava. Porque eu enfrentava mesmo. Eu até chamo aquilo de ignorância e falta de esclarecimento das coisas. Ele era aquela pessoa rústica, bem pesada e, ao mesmo tempo, amorosa. Na época da minha adolescência, quando eu

Durante a produção, a dupla encontrou com facilidade muitas entrevistas concedidas pela cantora a veículos midiáticos. Mas o teor sempre era a vida profissional. As alunas queriam conhecer mais sobre outros aspectos da vida da cantora.



Kátia Cilene aceitou, logo no primeiro contato, participar da Revista *Entrevista* e, pelo *instagram*, disse estar "orgulhosa" pelo convite. Em todos os contatos feitos pela produção, ela foi receptiva e simpática.

A pré-entrevista aconteceu na Livraria Saraiva do Shopping Iguatemi, por escolha da entrevistada. Ela disse sentir-se à vontade no local, que se localiza próximo à sua residência.



A pré-entrevista foi marcada de gargalhadas, a cantora contou que, por descuido da mãe, voltou a pé do Banco do Brasil na Parangaba ao Parque São José, o motivo: dona Fátima tinha contado o troco errado e não sobrou dinheiro para a passagem.

comecei a estudar mais, vim compreender a personalidade dele, eu queria me afastar, eu não tinha paciência. Se ele chegasse agora aqui, ele ia fazer milhões de perguntas e eu não tinha paciência para as perguntas dele, acabava sendo grossa. Mas hoje, não sou mais, a gente vai amadurecendo...

Aline – Kátia, hoje você ainda tem relação de afinidade com o bairro?

Kátia – Tenho, vou lá toda semana...

Aline –... Ele influenciou de alguma forma na sua profissão, no que você é hoje?

Kátia – Quando a gente cresce em bairro que tem vizinho, a gente tem muito contato, né? Eu tinha muitos amigos da minha faixa etária, muitos deles chegaram a ir a *shows* comigo, aos programas de TV, todo mundo me dava muita força. Desde pequena eu organizava negócio de desfile, eu vendia cocada para juntar dinheiro para comprar roupa para mim, para eu desfilar, eu sempre estive envolvida com essa coisa da arte. As vizinhas me ajudavam, quando minha mãe não podia ir ou meu pai, elas iam comigo, como eu era menor sempre tinha de ter uma pessoa maior para poder me acompanhar.

Nícolas – E as cocadas você fazia ou vendia também?

Kátia – Era para vender...

Nícolas – Como era a Kátia vendedora? (risos)

Kátia – Até hoje eu vendo coisas. Hoje, eu tenho uma linha de semijoias, vou até vender meu peixe aqui (risos). Mas eu sempre vendi alguma coisa, não é porque eu estava precisando, mas é porque eu gosto. Eu já vendi *jeans*, eu já vendi sandálias, eu já vendi biquínis, tudo que aparecia... Quando o Mastruz ia para São Paulo, lá tem a 25 de março (a *Rua 25 de Março em São Paulo é considerada o maior centro comercial da América Latina*), eu voltava entupida de coisa, tudo para vender, o pessoal dizia: “Kátia Muambeira”. (risos)

Kamylla – A gente percebe que pessoas tímidas não sabem se expressar muito bem e você é comunicativa, gosta de vender e é uma boa vendedora. Como era essa sua relação com a timidez?

Kátia – Sabe o que acontecia? Eu tinha medo de falar uma coisa errada, eu tinha

medo de falar alguma coisa... Se eu chegasse a um ambiente e eu visse que tivesse pessoas muito inteligentes, pessoas com um nível intelectual maior que o meu – se fosse alguns anos atrás eu não estaria falando isso para vocês não, eu jamaisalaria, mas hoje, eu não vejo empecilho nenhum...

Eu tinha medo, medo de errar e de me manifestar e falar alguma besteira. É tanto que, no início do Mastruz, eu sofri muito com essa questão de entrevista. Uma menina de 15 anos de idade que foi cortada dos estudos devido à profissão, me levaram para o programa do Clodovil (*programa transmitido pela RedeTV e apresentado pelo estilista, apresentador e político brasileiro Clodovil Hernandez*)... O Clodovil era uma das pessoas mais críticas do Brasil, superpolêmico, hiperpolêmico e o Clodovil foi perguntar para mim o que era foral, eu lá sabia o que *diabo* é foral, eu não estava informada e não estava instruída para isso, eu estava instruída para cantar e *tchau*.

Eu entrei e a banda estava em nível nacional, foi muito rápido, eu estava na estrada direto, passei algumas dificuldades em relação à entrevista. E eu comecei a me dedicar, eu não podia ir ao colégio, mas eu entrei na doutrina espírita e comecei a devorar os livros, eu estava aprendendo palavras novas, estava conhecendo.

Claryce – E antes do Mastruz com Leite, Kátia, como era a sua relação com a escola?

Kátia – Horrível! (risos)

Kamylla – Era um local que você gostava de estar?

Kátia – Eu gostava, mas eu queria estar com as amigas, só não gostava de estudar...

Theyse – Mesmo tendo a sede de conhecimento que você diz ter?

Kátia – Eu acho que eu estava muito empolgada em cantar, eu queria cantar e dançar, eu estava tão empolgada que eu acabava me esquecendo de ter de me dedicar naquele momento ao estudo. É tanto que o Marlielson dizia: “Kátia, você é uma menina inteligente, o seu problema é que você não quer prestar atenção”.

E, quando eu me liguei nisso, eu vi que ia ficar reprovada, eu estava entrando na adolescência, era muita coisa para a minha ca-

Kátia conta que alguns funcionários antigos do shopping Iguatemi conhecem o filho dela desde pequeno devido ao costume de passear lá com ele, já que reside próximo ao shopping.

“A única coisa que eu realmente senti foi que eu nunca vi meus pais felizes, eles dois, eles brigavam muito (...), eles não eram felizes e isso me maltratava muito”.

Ela se emociona só de falar no filho. Ela diz sentir um amor inexplicável e fora do normal por André Luis. Mas reflete: “Acho que toda mãe sente isso, eu que sou boba”.

O Colher de Pau foi escolhido para a entrevista por ser um restaurante típico de Fortaleza que promove o forró todos os sábados. O local permite, ainda, o isolamento acústico.



beça. Quando eu vi que eu reprovei, eu me senti mal, me senti supermal...

Diego – No material que as meninas desenvolveram (*refere-se à equipe de produção da entrevista*) tem a questão que você subia no birô para ensaiar...

Kátia – Ah é... O professor saía da sala e eu subia no birô para cantar. (*risos*)

Claryce – Mas, nessa época, você pensou em estudar música? Em estudar música de alguma forma, canto ou instrumental?

Kátia – Eu não pensava isso, eu pensava em fazer sucesso: “Eu quero ser conhecida, quero fazer sucesso”. Não consegui entender e de repente aconteceu muito rápido. Eu realmente queria fazer sucesso e, quando eu comecei a fazer sucesso, eu não tinha noção do tamanho do sucesso que estava fazendo porque era muito fechado: era trabalho, viagem e casa. Eu ficava num mundinho ali, eu via: “Nossa que multidão!” “Olha todo mundo tá cantando essa música”. Mas não era uma coisa que mexia com a minha cabeça a ponto de ficar esnobe com aquilo, tá entendendo? Eu tratava com muita naturalidade.

Claryce – Já estava esperando aquilo?

Kátia – Talvez...

A equipe do Colher de Pau aceitou prontamente que a entrevista fosse feita na sala vip do restaurante, que foi fechada nesse dia somente para a equipe da Revista Entrevista.

“A questão do deslocamento que eu sentia era porque eu pensava de uma forma muito mais lá na frente e eles aquela mesmice”.

Julia – Kátia, em uma entrevista que você deu ao *Perspectiva* (programa transmitido pela TV Somzoom Sat na internet), você falou que sentiu falta da escola e a professora de inglês chegou a negociar com você a questão das faltas. Como foi ter de deixar a escola e partir para esse mundo?

Kátia – O Mastruz começou a fazer muito sucesso. Enquanto ele tocava por aqui, eu estava conseguindo conciliar, mas eu estava na sétima série e depois veio a oitava e não deu mais de forma alguma. Eu estudei um ano no Colégio Educandário Santos Dumont (*colégio particular localizado no bairro Bom Jardim, em Fortaleza, no qual Kátia Cilene estudou na adolescência*). Um colégio muito bom, particular, os professores superatenciosos, mas eu tive de sair, não deu para voltar para a oitava série, eu não sei se passei uns dois ou três anos sem conseguir estudar, foi mais ou menos isso. Mas a Telma, que era a professora de inglês e filha do proprietário do colégio, me ligou e disse: “Kátia, vem aqui no colégio que eu quero conversar contigo”. Eu fiquei pensando: “O que será que ela quer conversar comigo?” Pode ser alguma apresentação, eu sempre me apresentava, eu fui lá conversar com ela e ela disse: “Olha, você não terminou a sua oitava série, mas eu queria conversar sobre a possibilidade de nós não entrarmos na questão das faltas, mas você tinha de se dedicar e se você tiver aqui tem de vir, vai todo mundo se ajudando, se tiver um trabalho podem colocar seu nome mesmo que você não esteja aqui, mas eu quero que você se dedique”.

Foi um ano assim: grandioso e maravilhoso! Os alunos eram todos mais novos que eu, uns dois, três anos mais novos e eles me ajudaram muito, a sala inteira me ajudou demais. Os trabalhos eles colocavam meu nome, alunas iam dormir na minha casa para repassar a matéria, mas eu estava dedicada demais, eu estava bem focada mesmo, e a única decepção que eu tive foi que não me deixaram participar da minha festa da oitava

série, aí foram rios de lágrimas.

Ana Rute – Você se arrepende de não ter passado por esses momentos de adolescência na escola com seus amigos como outros adolescentes?

Kátia – É, era bem diferente, você ser adolescente e você ser adulto. Eu vi porque eu passei por muitas coisas. Eu viajava com a banda, mas eu chorava muito, agindo, tendo atitude de adolescente, eu falava: “Eu não tenho nada a ver com esse povo”. Mas quando eu subia no palco para cantar, eu ficava muito feliz comigo, eu sempre tive essa história do carisma, as pessoas ficavam em cima de mim, quando eu subia no palco eu sabia que era aquilo mesmo que eu queria: “Pronto! Tô aqui cantando, eu vou fazer tudo aquilo que eu gosto”. Quando eu entrava dentro do ônibus, gente, eu ia ler, ia escutar o *walkman*. Eu comprava todas as fitas de meditação – esse meu lado espiritual sempre foi muito afiorado –, eu comprava fita de meditação e ia meditar, parecia que não tinha ninguém, eu sempre fui assim.

As pessoas me achavam muito estranha porque eu tinha esse comportamento, mas, quando vinham conversar comigo, viam que não era isso que eles pensavam, que eu não era uma pessoa antipática ou alguma coisa desse tipo. Viam que eu tinha alguma coisa para passar, entendeu? Exatamente pelos livros que eu lia, pelas palestras que eu escutava, eu adorava escutar palestras e isso tudo me engrandeceu, eu fiz bom proveito das estradas, quando eu estava no ônibus eu fazia isso.

Theyse – Kátia, você tem uma ligação muito forte com a questão espiritual. Você é uma leitora, você mesma disse que aproveitou a estrada para fazer essas leituras, para aproveitar o tempo, matando essa sua sede de conhecimento. Se você me der licença, eu vou ler, não sei se você conhece a escritora Zíbia Gasparetto (*escritora espiritualista brasileira*). Tem uma frase da Zíbia que também fala: “Quando a alma fala, sua essência espiritual e divina se manifesta, e a pessoa brilha, aparece”. E a gente percebe que a sua alma fala em muitos momentos. Você acha que estava predestinada a ter essa arte dentro de você e viver com isso? Predestinada por questões espirituais?

Kátia – Eu acredito que sim. É meio complexo eu falar sobre isso, sobre essa questão espiritual porque deve ter aqui pessoas de várias religiões, ou não. Mas como isso foi muito presente desde a minha infância com essa questão espiritual de ver, de ouvir (*referindo-se a dons mediúnicos*), eu sempre quis buscar. Antes eu ficava morrendo de medo, chorava, gritava e, quando eu cheguei nesse

lugar que é o centro espírita – quando você vai visitar pela primeira vez uma casa espírita, eles explicam o que acontece –, eu me identifiquei e estou lá até hoje. Então, isso foi muito forte dentro de mim e eu tenho certeza de que algo lá estava predestinado, lá em cima, para eu ter esse tipo de vida, ter essa vida que eu tenho, da arte, em todos os sentidos, pela questão de eu receber crítica, pelo fato de ser espírita e subir no palco e cantar. Mas e aí? “É, o lugar onde tu tá vai ter bebida, vai ter isso, vai ter aquilo”. Vai ter inúmeras pessoas de todo jeito, mas o que importa é a minha personalidade, a minha questão moral, eu tô aqui fazendo a minha arte encantar, mas eu não sou obrigada a fazer as mesmas coisas que eles estão fazendo. Eu gosto de olhar para as pessoas quando estou cantando, eu gosto de saber o que elas estão sentindo, eu gosto de emocioná-las, mas eu não gosto de fazer o que elas estão fazendo.

Eu não bebo. Então, quando tenho de sair para está do outro lado da história, não está no palco, mas está do outro lado, eu me sinto agoniada, eu fico sufocada, está no meio da multidão, eu não consigo. Hoje eu consigo administrar um pouco mais (*essa agonia*), mas, se eu tiver no meio da muvuca (*multidão*), como chamo, eu não aguento a pressão. O palco é como se fosse sagrado para mim, é como se tivesse uma proteção, “você tá aqui para fazer isso”, até porque, antes de entrar, eu me protejo, né?

Carol – Kátia, você falou na relação de espiritualidade com as pessoas, na pré-entrevista a gente viu que você tinha isso com a sua avó Edite. Eu quero saber como era essa sua relação espiritual que você tinha com ela e como era essa influência que ela tinha sobre você.

Kátia – Muitas coisas que aconteciam com ela eram muito fortes. A minha avó tinha uma perseguição espiritual. Eu acredito em reencarnação, em outras vidas... A minha avó veio doente, pode ser um resgate de algo ou de outra vida e ela teve de passar por aquilo, eu acredito que seja uma limpeza no nosso perispírito (*invólucro fluídico que, para os espíritas, liga o espírito ao corpo*). Perispírito é uma aura espiritual. Então, eu acho que hoje ela está muito bem porque ela se limpou de algo que ela devia no passado. Na minha forma de ver é: “Eu tô me curando, estou curando meu espírito e ficando bem”.

A minha avó, todas as noites quando ela ia dormir aparecia um espírito e ficava puxando ela, ela era maltratada dentro de uma rede, era sacudida e o meu avô, que era a companhia dela, todas as noites acordava com ela gritando: “Ele chegou!” Ela via umas botas e achava que ele tinha morrido enforcado.

Na reunião de produção, alguns alunos da turma relataram ter passado os últimos dias escutando os clássicos do Mastruz com Leite. E dançando muito também.

Após a leitura do material de pauta, a turma se mostrou empolgada com a entrevistada. Em razão, principalmente, das histórias engraçadas que ela contou para a dupla de produção na pré-entrevista.

Na semana da entrevista, Ana Rute e Nicolas ficaram doentes. Ela foi para a reunião de pauta com febre e dor de cabeça, mas se recuperou. O que não aconteceu com Nicolas, que, no dia da entrevista, estava quase sem voz.

Ana Rute e Julia passaram duas noites nervosas discutindo os detalhes finais da produção e o look que iam compor na entrevista.

Ele a levantava e aconteciam todos esses fenômenos. Então, as pessoas duvidaram dela, diziam: "Mãe, é porque a senhora está muito doentinha". Ela dizia que estava doente, mas não estava doida. Eu ouvia isso, eu escutava porque, todos os dias de manhã cedo, todas as filhas iam para lá tomar café com ela e eu ia tomar café, eu escutava tudo, sabe como é um monte de filha reunida? Eu escutava tudo.

Ela falava também de uma *luzinha* e essa *luzinha* quando ele (o espírito) vinha e se essa luz aparecesse, ele voltava, ia embora. Essa luz trazia paz para ela. Até que um dia eu fui dormir lá e o quarto todo ficou iluminado. Ela dormia em uma rede na porta do quarto. Eu tava no meio e o meu outro tio, que era só alguns anos mais velhos do que eu, no outro canto. E ela me perguntou: "Minha filha, você tá acordada?" E eu: "Oi, estou". "Você tá vendo?" E eu fiquei emocionada e disse: "Eu estou, mas estou morrendo de medo". E ela disse: "Não tenha medo não, essa *luzinha* não faz nada, ela protege". Ela teve esses relatos durante a vida dela de dores e de doenças e aconteceu com algumas pessoas que foram dormir lá.

Nicolas – Você já sentiu a sua avó depois que ela faleceu?

Kátia – Tu acreditas que a *danada* nunca me apareceu? E teve uma época que eu briguei muito com ela porque eu queria muito vê-la, eu queria muito saber como estava ela. E teve uma vez que, terminando um *show*, eu estava sentindo muito a presença dela, era uma vaquejada, no Estado de Alagoas. Eu me recordo demais da presença dela. Eu entrei no ônibus e fiz uma prece, pedi muito a Deus que trouxesse notícias dela, já fazia muitos anos que ela tinha falecido. E eu sonhei com ela, sonhei com ela me falando e eu falando: "Mas *vó*, já faz tantos anos que a senhora faleceu, nunca me deu uma notícia, nem nada". Ela olhou e tinha uma vila de casas e ela dizia: "Minha filha, esses dias, eu passei por todas essas casas". Faz sentido porque, na rua que a gente mora, todos os filhos dela moravam na mesma rua, mas foi só isso e eu não soube mais de nada. Uma única vez que eu soube foi quando eu estava no centro espírita e eu recebi uma mensagem de alguém que dizia que um dos meus mentores espirituais ("*amparador espiritual*" ou "*ânjo da guarda*" popularmente conhecido) que estavam me acompanhando era um parente meu, tinha sido uma avó minha. Realmente, depois que ela faleceu as coisas aconteceram muito rápido.

Julia – Como foi a reação da dona Fátima e do seu Nilson quando você decidiu: "Agora, eu vou deixar o estudo mesmo e

vou atrás dos meus sonhos"?

Kátia – Até hoje por causa da minha personalidade forte, são eles que me obedecem... (*risos*) (*Kátia pede pausa para tomar água na entrevista*). Eu acabei misturando muito os papéis de pai, mãe e filha, eu acabei cuidando muito deles, quando eu falei que não ia desistir dos meus sonhos, eu não ia parar de estudar. Mas naquele momento eu tinha de parar. Para eu entrar no Mastruz eu tive de ganhar um concurso televisionado (*pela TVC que ia escolher o nome do maior cantor de forró do Ceará*), apresentado pelo Will Nogueira (*apresentador e locutor cearense*). E o concurso foi uma parceria do Emanuel Gurgel (*proprietário do ramo do forró e da Banda Mastruz com Leite*) com o Will Nogueira para promover e trazer um cantor para a banda. Foi feita uma seleção de mais de três mil candidatos: homens e mulheres.

Eles cantavam todos os tipos de músicas lá no CRESSE (*Clube Recreativo dos Subtenentes e Sargentos do Exército*) na (*Avenida*) Borges de Melo. Eu fui para essa seleção e eu passei, dessa seleção tinha outra seleção de ir para a TV, eu passei também, na TV foram três eliminatórias e eu ganhei e quem ganhasse entraria no Mastruz, assinaria o contrato e ganharia o prêmio e esse prêmio para os meus pais foi: "As coisas vão melhorar", foi motivo de muita felicidade...

Meu pai foi meu grande incentivador, ele me incentivava desafiando... Ele dizia: "Ah, tu cantou na TV, mas não tem coragem de cantar na Praça José de Alencar". Dia de segunda-feira eu ficava aperreando o povo para me levar para a Praça José de Alencar. Meu pai trabalhava e chegava muito cansado e quando eu chegava lá (*na praça*) e não era assim convidada, como dizia, eu tinha de ficar esperando um talvez para que eu pudesse cantar.

Então, eu ficava esperando para cantar, para ser vista, de lá realmente apareceram alguns convites de bandas. A primeira banda que eu cantei foi a Natureza Astral (*banda de forró do bairro Parque São José*), passei nem um mês, porque tinha outra cantora que o nome dela era Kátia, morava no meu bairro e tinha um compacto gravado e ficou com ciúme de mim, e eu dizia: "Mãe, não quero ficar lá, não".

Depois, quando eu fui estudar no Bom Jardim, no Educandário Santos Dumont, o pessoal me falou que lá tinha uma bandinha de bairro, que era o Nighth Banda, e os meninos pediram para eu ir lá conhecer a banda e eu fui, foi a primeira banda que eu comecei a cantar mesmo. Meu pai me acompanhava aos finais de semana, a primeira viagem longa que eu fiz foi para o Chorozinho (*municí-*

pio do Estado do Ceará), eu achava que estava viajando para longe: “Meu Deus do céu! Tô viajando”, os músicos todos em cima do caminhão cheio de caixas de som, naquela época, as bandas tinham de ter seus equipamentos de som e os pobres tudo sentados com as caixas de som e eu, a única mulher, na boleia (cabine de comando de caminhões e camionetes). (risos)

Diego – Kátia, quando foi que você percebeu que o horizonte estava realmente aberto para a música? Que você percebeu que: “Aqui não tem mais barreiras”?

Kátia – Parece que era uma coisa que eu já sabia que era aquilo ali, eu já subia no palco sabendo dominar, a tendência foi adquirir experiência, aperfeiçoar aquilo que eu já sabia. As pessoas falavam – uma coisa são as pessoas que estão de fora e outra coisa é sentir –, as pessoas falavam: “Ela é tímida, mas ela tem um jeito mesmo para isso, a voz dela é diferente, a voz dela é única”. E eu fui mesmo a primeira cantora a cantar em banda de forró...

“Meu pai já chegou a me bater, umas duas ou três vezes, porque eu não aceitava. Eu até chamo aquilo de ignorância e falta de esclarecimento das coisas”.

Caio – Kátia, você disse para as meninas da produção que se sentia só, em alguns momentos se perguntava: “O que é que eu tenho a ver com esse pessoal que está aqui?” Na transição da adolescência para a fase adulta, uma carreira que envolvia fama e relações superficiais que são a do meio artístico, de que forma isso contribuiu para esses momentos que você relatou?

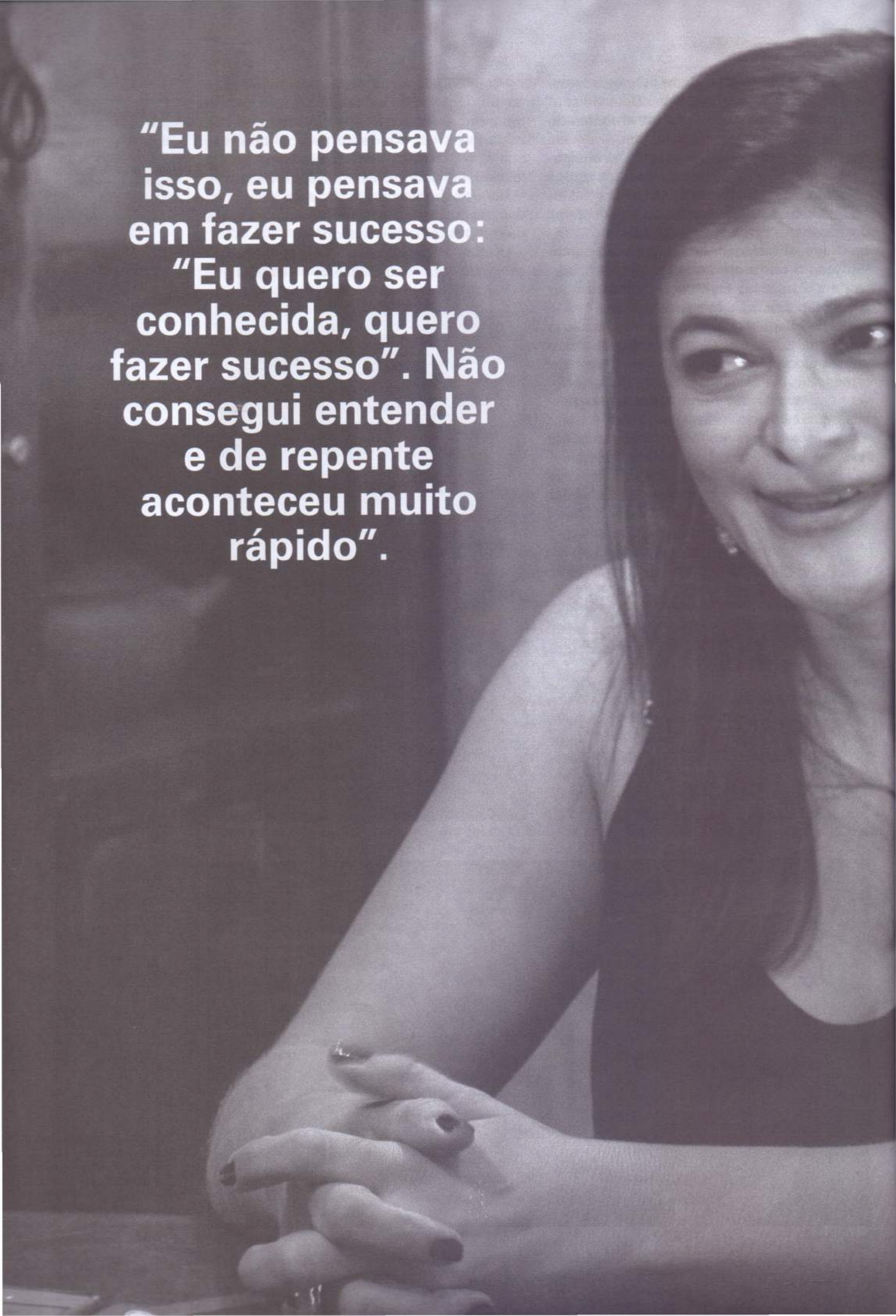
Kátia – Primeiro vem a questão da aceitação. É isso aqui que eu quero, é isso aqui que

Ana Rute se desesperou ao descobrir que o gravador reservado no PET da Comunicação não tinha sido devolvido no dia marcado e, por isso, não pôde ser usado durante a entrevista.



Theyse relata que ficou encantada pelo “brilho no olhar” da cantora. Também se surpreendeu em como Kátia olhava diretamente nos olhos dos entrevistadores.

**“Eu não pensava
isso, eu pensava
em fazer sucesso:
“Eu quero ser
conhecida, quero
fazer sucesso”. Não
consegui entender
e de repente
aconteceu muito
rápido”.**





Os alunos chegaram em dois grupos ao Colher de Pau, um dos grupos trazido pelo professor Ronaldo Salgado e outro vindo de ônibus, ofegantes pelo sol de Fortaleza.

eu gosto e eu tenho de aceitar. Vamos lá! Vamos trabalhar para se adaptar ao ambiente das pessoas, eu tenho de aceitar que *fulano* é assim, entendeu?

Eu fiz grandes amizades durante as viagens, quando eu chegava ao hotel, eu nunca ficava no hotel, eu saía mesmo que a cidade fosse *pequeninha*, eu começava a andar e fazia amizade com o povo, ficava dentro da casa do povo, eu ficava sempre com pessoas que eram uma família. Então, quando eu voltava outra vez na cidade, as pessoas já queriam que eu ficasse na casa delas, queriam me acolher: "Ah! tem almoço para ti". Sempre foi assim. Tive bons parceiros trabalhando comigo, o povo também... A Bete (*Bete Nascimento é cantora de forró e trabalhou ao lado de Kátia Cilene*) trabalhou comigo na banda, a gente teve momentos difíceis na banda, dividir espaço comigo, mas foi supertranquilo... (*risos*)

Nícolas – Essa busca pelo sucesso era alguma forma de tentar deixar para trás esse passado mais humilde, mais controlado pela família?

Kátia – Acho que não. Quando eu chega-

va de viagem nem saía muito, ficava mais em casa. Sentia muita saudade da minha família. Mas hoje eu entendo o jeito deles (*país de Kátia*), com esclarecimento a gente compreende coisas que antes não entendia.

Ana Rute – Agora, vamos falar um pouco mais sobre a carreira. Por que forró?

Kátia – Era o que tava mais perto de mim. Eu gostava da desenvoltura no palco, do ritmo dançante. Apesar de gostar de música clássica, eu queria estar *pinotando* em cima do palco, eu queria chamar atenção. Jamais conseguiria chegar aqui e passar a noite cantando seresta. (*risos*) Eu quero que me vejam, acho muito importante a troca de olhares. Eu já falei pra alguém que estava falando comigo sem olhar: "Ei, olha pra mim!"

Uma das pessoas com quem eu achei muito interessante essa troca foi a Xuxa (*Meneghel, apresentadora de televisão brasileira*). Eu saí de lá *zonzinha*, hipnotizada. Eu: "Valha meu Deus do céu, essa mulher com esses zói azul!" (*todos riem*) Toda vez que eu estava com ela saía hipnotizada, parecia um conto de fadas, não lembrava de nada. Quando eu assistia ao programa é que lembrava



“Eu gosto de olhar para as pessoas quando estou cantando, eu gosto de saber o que elas estão sentindo, eu gosto de emocioná-las, mas eu não gosto de fazer o que elas estão fazendo”.

Alguns alunos reclamaram de fome intensa ao sair da entrevista e foram merendar coxinha e churros em uma lanchonete do outro lado da Rua Ana Billhar.

como tinha sido.

Kamylla – Como foi subir no palco pela primeira vez? Em algum momento você pensou em recuar devido à timidez?

Kátia – No palco eu não tinha timidez, era só fora. Quando eu saía do palco, a “carreira” era grande. (*todos riem*) Eu queria me esconder até dos paqueras, corria pra dentro do ônibus. Eu era muito tímida, mas no palco extravasava tudo, tudo o que eu estava sentindo colocava pra fora. E colocava mesmo!

Claryce – À frente do Mastruz com Leite, você participou de programas como o da Xuxa, da Hebe (*Camargo*), do Faustão (*Fausto Silva*). Quais as principais diferenças entre cantar para um público grande e em programas de auditório?

Kátia – É bem diferente. Porque o público de auditório não é o meu público. Ele tá ali pra assistir ao programa, é o público do apresentador. Você tem de ter muita desenvoltura e “chegar junto” pra envolver todos. Lá em São Paulo, a gente chegava pra cantar pra 15.000, 20.000 pessoas que estavam lá só pelo Mastruz. Eles cantavam tudo da banda, era uma satisfação muito grande, uma realização. Na TV é interessante porque você tem de focar nas câmeras, tem de vender a sua imagem.

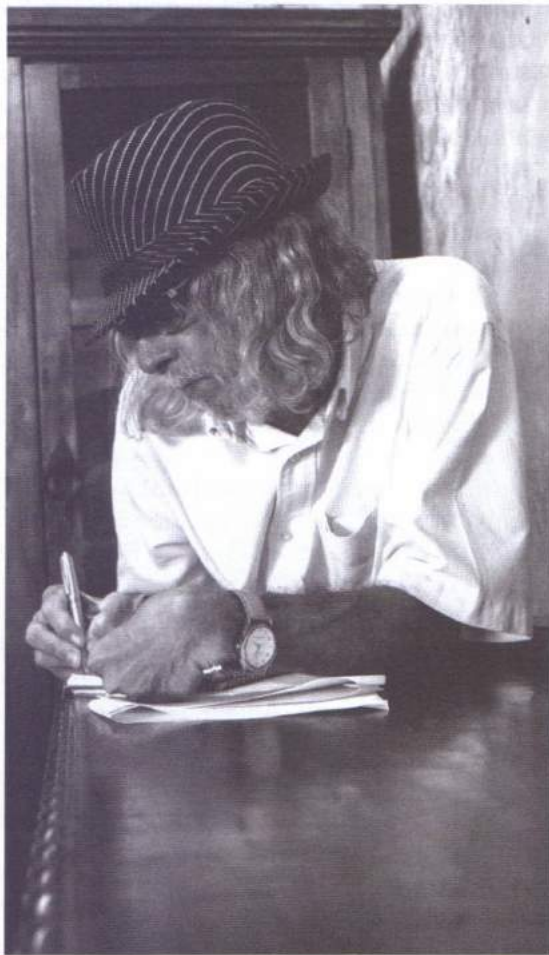
Caio – Com 14 anos você já cantava profissionalmente na Night Banda e com 15 entrou no Mastruz com Leite. Como se deu o amadurecimento musical e em que momento você se sentiu confortável como “a voz do Mastruz com Leite”?

Kátia – As pessoas que falavam. Eu nunca me rotulei como “a voz do Mastruz com Leite”, isso nunca saiu da minha boca. O povo que falava: “Tua voz é marcante”. Eu fui a primeira mulher a cantar uma música de vaquejada, que é “Meu Vaqueiro, Meu Peão”. Essa semana eu falei até com um rapaz da minha época das vaquejadas (*refere-se à semana em que estava sendo entrevistada, em maio de 2016*), que hoje é prefeito de uma cidade do interior. Ele colocou a música da campanha dele “Meu Vaqueiro, Meu Peão”.

Caio Vítor – Mas e a segurança na voz? Você sempre foi segura como cantora no aspecto técnico?

Kátia – Nessa questão, você tem o dom, mas tem de se aperfeiçoar, se reciclar. Eu percebi que eu tinha de procurar profissionais, fazer aula de canto. Mas não foi ninguém que me aconselhou, naquela época não tinha muito incentivo e oportunidades como hoje, com a Internet. Eu fiz aula de canto pra aperfeiçoar a voz, trabalhar a questão da respiração e ter mais resistência. Os shows eram muito puxados, principalmente em junho e julho, que juntava um mês com o

“Eu nunca me rotulei como ‘a voz do Mastruz com Leite’, isso nunca saiu da minha boca. O povo que falava: ‘Tua voz é marcante’”.



outro. A gente chegou a fazer três shows em uma noite. Até hoje eu faço fonoaudiólogo e estou voltando a fazer aula de canto.

Carol – Como foi, no início da carreira, ser a única mulher do Mastruz com Leite no meio de tantos cantores? Você sofreu algum preconceito?

Kátia – Eu acho que até hoje as mulheres sofrem esse preconceito. As meninas das bandas dizem: “Ah, não deixam a gente cantar! Quem canta mais são os homens”. Sempre existiu isso, esse machismo. Mas a voz da mulher vai e se destaca e começa a estourar em todas as músicas. Aí não tem jeito!

A turma se mostrou muito entusiasmada com a entrevista e as curiosidades só aumentavam perto do momento, a mesa redonda do restaurante fazia com que todos se entreolhassem.

Kátia Cilene se atrasou dez minutos por não conseguir achar o endereço do restaurante e porque o celular descarregou no caminho, ela chegou com perfume e elegância, ambos muito fortes.

Após o lanche, alguns alunos voltaram juntos. O tema da conversa foi o comportamento diferente de Ronaldo nos dias de entrevista para a Revista. Levantaram muitas hipóteses, mas duvidam que algum dia irão compreender o que se passa na cabeça do mestre.

Eu tive essa sorte e a Rita de Cássia (*cantora e compositora de forró cearense*) foi abençoada por Deus em escrever as músicas que encaixavam certinho na minha voz e faziam sucesso. Foram muitas músicas que emplacaram na minha voz.

No início realmente foi muito difícil. A banda tinha dois guitarristas, dois baixistas, três bateristas, um saxofonista e três sanfoneiros – era imensa. A maioria dos músicos cantava também, mas os cantores foram se reduzindo até que a banda achou um formato. Mas no início eram todos homens e só eu de mulher, passei três anos cantando com eles sozinha e depois a Bete entrou. Eu tive uma estafa muito grande depois de um São João (*tradicional festa nordestina na qual santos católicos são homenageados*). Eu *tava dessa finurinha (mostra o dedo mindinho), cansada mesmo. Aí o Emanuel (Gurgel de Queiroz, empresário e fundador da banda) falou assim: “Eu tenho de colocar outra pessoa, senão ela não aguenta não”. Então a Bete entrou.*

O Emanuel era muito resistente, eram muitas horas de forró sem intervalo. Depois o Alexandre Mar (*produtor musical da década de 1990*) começou a empresariar, com a Aplauso Produções (*empresa de produção musical*). Foi quando a banda começou a participar de programas em nível nacional, cantamos no Canecão (*casa de shows localizada no bairro de Botafogo*), no Rio de Janeiro, e no Olímpia (*casa de shows localizada no bairro da Lapa*), em São Paulo, que eram referências, vitrines da música nacional. Nessa época a banda começou um formato muito bacana que era eu, Aduílio (*cantor de forró, ex-integrante da banda Mastruz com leite*), Bete, França (*cantor de forró, também ex-integrante da banda*). Foi quando passamos a ser reconhecidos

Diego – O Mastruz com Leite foi sucesso nacional e percorreu o Brasil muito rápido. Como era estar no palco representando uma estrutura tão grande? O que passava na sua cabeça quando você parava e pensava?

Kátia – Acho que eu nem pensava, era muito cansativo. Quando eu saía do palco, tinha de dormir, porque no outro dia tinha programa de rádio sete horas da manhã, *aí* passava o dia fazendo televisão, era bem puxado! Quando você está no auge, sendo famoso e reconhecido nacionalmente, você não para, é uma coisa atrás da outra: foto pra jornal, televisão, rádio e à noite show. Eu entendia que a banda *tava estourada*, mas a minha aceitação disso era normal, era o meu trabalho.

Em alguns momentos eu não *tava legal*, *tava cansada demais!* Eu chorava, dizia: “Eu

tô cansada, quero dormir, não aguento”. Eu descia com a cara “desse tamanho” (aponta para o rosto), a cabeça estourando depois de passar a noite escutando barulho alto e sair com aquele zoom no ouvido. Mas eu era muito grata a Deus por aquele momento de repercussão nacional que gerou muitas oportunidades pra mim. Por isso, hoje eu tenho minha história para contar. Foi um aprendizado muito grande, conheci pessoas maravilhosas e diferentes, de cada uma eu pude tirar um aprendizado.

Theyse – Teve alguma coisa que você abriu mão nessa época e hoje não faria?

Kátia – Eu amo o que faço, amo cantar e estar no palco. Mas o que mexeu muito comigo foi a falta do meu filho. Depois que ele nasceu eu passei a analisar: “Poxa, dói demais!” É uma renúncia, meu casamento não foi feliz por essa questão de administrar o trabalho com o relacionamento, a pessoa tem de ter muita maturidade. Eu sempre fui

“Em alguns momentos eu não estava legal, *tava cansada demais (...)* mas eu era muito grata a Deus por aquele momento de repercussão nacional”.

muito focada no meu trabalho e na minha família. Depois que eu tive meu filho e me casei, quando eu chegava em casa, eu me dedicava a eles. Eles (*produção da banda*) me ligavam chamando pra show e eu: “Gente, vê *aí* um horário porque tal hora eu vou tá com meu filho. Por favor!”

Menos de um mês depois que o André Luís nasceu ia ter um show importante em São Paulo e o contratante só ia querer se eu fosse. Também ia ter uma apresentação no programa do Amaury (*Amaury Jr, apresentador de TV brasileiro. Na época apresentava o programa Flash, na Rede Bandeirantes*) E o Emanuel me deu carta branca pra levar meu filho, a babá e muita bagagem.

Ele viajou muito comigo. Ele tinha ciúmes, quando eu saía do palco ele me abraçava, não queria que ninguém chegasse perto. Com 11 anos ele viajou comigo e não quis ficar no hotel, foi pra o show. Quando ter-

O fotógrafo Filipe Pereira foi escolhido por ter uma grande afinidade com a dupla de produção e com o forró. Essa é a segunda entrevista, só na edição 36, fotografada por Filipe.

minou ele falou: "Olhe mamãe, vou lhe dizer uma coisa: nunca mais eu venho para um show teu. Isso não é coisa de gente, passar a noite toda sem dormir!" (*rindo*) E realmente até hoje ele não quis mais, já chamei, implorrei e ele não vai mais. Ele tem 16 anos.

Aline – Kátia, a banda *estourou* nacionalmente em uma época que não havia Internet e outras facilidades pra se promover. Como era o mercado do forró nessa época?

Kátia – Tinham muitas coisas envolvidas. Na época, não tinha pirataria e as rádios eram muito fortes. Essas gravações promocionais não existiam. Você fazia o trabalho autoral, o LP (*abreviação de long play ou disco de vinil, mídia de reprodução musical com gravação analógica*) e mandava para as rádios. Mas no caso do Mastruz foi o movimento mesmo, o que ajudou muito a parte nacional foi a divulgação que os nordestinos que moravam lá no Sul e Sudeste faziam. Eles vinham passar

as férias aqui no Nordeste, voltavam com o nosso material e espalhavam entre eles. Assim o movimento cresceu, quando nós vimos, o trabalho já estava bem espalhado.

Kamylla – Como foi a experiência de sair do Brasil?

Kátia – O primeiro país para onde nós fomos foram os Estados Unidos. Na verdade, nós fomos cantar pra brasileiros. Os estrangeiros que vão para os shows são amigos ou casados com brasileiros, que são muitos lá. As casas de show lá são menores, tipo botates, mil pagantes enchem os locais, mas pagam na moeda de lá. É um público mais restrito e carente da musicalidade daqui, por isso as casas lotam. Mas eu percebo que os locais agora são maiores, pelos vídeos de artistas que acompanho e se apresentam atualmente lá.

Aline – Você falou que no primeiro show, em São Paulo, nem os garçons aplaudiam e

O ambiente foi perfumado com borrifas de colônia que Claryce tirou da bolsa, o que melhorou muito a agradabilidade do local.



O signo de Kátia Cilene, escorpião, foi amplamente discutido pelos alunos. Algumas características do mapa astral foram traçados.

Durante os relatos sobre a espiritualidade, Filipe parou de fotografar com medo de alguma visão nas fotos.

“Eu sinto falta das pessoas se abraçarem, se beijarem, curtirem a música intensamente, sou romântica. Eu acho que as pessoas escondem muito os sentimentos”.

depois tinham 15.000 pessoas...

Kátia – (*interrompendo*) Na verdade, não tinha nem garçons na festa, esqueceram de chamar.

Aline – Depois de um tempo as pessoas de lá e de outros estados fora do Nordeste começaram a virar fãs. Como foi a receptividade?

Kátia – O forró se fortaleceu tanto com o Mastruz... Nós tocamos em um evento em Ponta Grossa, no Paraná, que parecia que eu estava me apresentando fora do país, um público muito diferente, pareciam alemães. Era tipo *Oktoberfest* (*festival de cerveja originário de Munique que ocorre em vários locais do mundo, no Brasil é em Blumenau, Santa Catarina*) e era uma multidão. Nós não tínhamos nada a ver com o perfil, porém uma banda de forró estava tocando lá. Fomos pra Belo Horizonte (*capital de Minas Gerais*), considerada a capital do rock, o forró *tava impetado* lá.

Rute – Você relatou pra gente da equipe de produção dessa entrevista que no começo da carreira sofreu assédio e isso acontecia com outras cantoras de forró. Como você reagia diante dessa situação?

Kátia – Se eu fosse assediada, eu tinha escolha de dar abertura a isso, achar *legalzinho* e tal ou então dizer: “Olha, é o seguinte: essa é minha postura diante disso. Se continuar eu vou ter de tomar outra providência”. Eu era muito tímida e talvez não soubesse me expressar, mas eu não dava liberdade pra isso. No início, houve isso, houve insistência, aí o Emanuel soube e chamou as pessoas pra resolver o problema da melhor forma possível. Ele falou: “Olha, se isso continuar você vai ter de sair. Ela é a prioridade”. Então quem me conhecia na banda passou a me respeitar, depois que a pessoa percebe a *tua* postura, pronto.

Claryce – Como era o ambiente nos bastidores do show? Continuava o clima de festa?

Kátia – Não. O Emanuel não aceitava bebida. Às vezes, acontecia dos meninos (*músicos da banda*) tomarem alguma *coisinha* quando *tavam* de folga no hotel. Mas você tem de saber fazer, se ia beber, tinha de

saber beber. Mesmo estando de folga, era ambiente de trabalho, qualquer coisa que acontecesse não iam acusar a pessoa, mas sim a banda Mastruz com Leite. Tinha de ter esse cuidado. Eu bebi algumas vezes, mas não me dei muito bem não. (*rindo*)

Aline – Com todo aquele figurino característico, você sentia que havia uma sexualização da sua imagem por parte do público?

Kátia – As mulheres se vestiam daquele jeito na época. Elas usavam *top*, *shortinho* curtinho, às vezes abaixo do umbigo. Ninguém me olhava diferente porque todo mundo tava igual. A diferença era o tipo de tecido, que podia ter brilho, e as meninas que iam assistir normalmente usavam jeans. A diferença hoje é que não mostram muito a barriga, antigamente usavam *santropê* (*modelo de calça*). Era o estilo da época, algumas coisas até voltaram.

Nicolas – Você se sentia confortável?

Kátia – Sim. Eu era magrinha! (*rindo*) Eu tava ali pra dançar e a roupa me deixava à vontade pra isso. O que eu sentia era dor nos pés por causa dos saltos.

Diego – Depois de 17 anos no Mastruz, você saiu da banda e concedeu uma entrevista à FM 93 (*Rádio Verdes Mares FM, estação radiodifusora de Fortaleza e região metropolitana*) dizendo que preferia as músicas da sua geração. Sobre a sua veia de analista, como você avalia o forró de hoje?

Kátia – Eu analiso o mercado de forma meio confusa. O forró mudou muito, em vários sentidos. Tanto a batida quanto o comportamento das pessoas. Antes as pessoas dançavam o forró, até porque, desde a raiz, o forró é pra dançar. Hoje as pessoas misturam vários estilos e chamam de forró. Mas não tenho nada contra, até porque vão vir outras gerações e vão mudar de novo. Mas eu acho que o forró é pra dançar. Eu ouço muitos relatos, um dia desses eu tava em uma panificadora e um casal disse: “*Poxa, a gente embalou nosso romance inteiro com tuas músicas!*”

Hoje em dia as pessoas não se apaixonam mais no forró, é só beber e curtir. Antes *tu tava* ali com a tua namorada, *tu tava* de mão dada com ela, dançava com ela. Você não vê

Enquanto Kátia Cilene relatava os casos da espiritualidade, a turma se entreolhava, alguns mencionaram se arrepiarem. Caio Vitor tremia as pernas que batia em Julia na ampla mesa redonda.

“O Forró do Bom foi tão importante pra mim quanto o Mastruz. Porque me jogou de novo num desafio. Um público novo. E aí? O que eu tinha de fazer?”

mais isso, só os olhares e no final “a gente sai”. (*todos riem*) Eu sinto falta das pessoas se abraçarem, se beijarem, curtirem a música intensamente, sou romântica. Eu vejo muito isso no público gay. No começo eu me assustei, hoje eu trato com naturalidade, vibro. Eu trabalhei minha cabeça pra isso, a questão da aceitação, estudei sobre isso. Eu acho que as pessoas escondem muito os sentimentos.

Nícolas – Dessas músicas românticas, alguma você canta pra si mesma?

Kátia – Eu já tive, hoje não tenho mais.

Julia – Qual foi?

Kátia – *Mulher*, tive várias... Música é muito do que você tá vivendo no momento. Uma que eu interpretei e me identifiquei em um período foi “Sozinho”, do Caetano Veloso (*cantor e compositor baiano*). “Às vezes no silêncio da noite, eu fico imaginando nós dois” (*cantarola*).

Julia – Depois de 17 anos no forró tradicional de vaquejada do Mastruz, você vai para o Forró do Bom, que tinha um público mais jovem e uma estrutura de shows diferente. Como foi essa transição?

Kátia – O Forró do Bom foi tão importante pra mim quanto o Mastruz. Porque me jogou de novo num desafio. Um público novo. E aí? O que eu tinha de fazer? Eu tinha de estudar aquele público pra saber o que eu tinha de fazer no palco. Eu fui muito cobrada pelos produtores musicais: “*Bora, tem de dar alô!*” E *tome alô!* No Mastruz eu não fazia isso, né? Eu dançava, cantava e, quando parava a música, tinha de falar o nome dos patrocinadores e tudo. E no Forró do Bom, na hora da música era: “Um *alô* pra fulano, cicrano num sei de quê”. Rapaz, é fôlego demais! (*todos riem*) Quando eu esquecia, o sanfoneiro, que era o produtor musical, me cutucava e dizia: “*Bora, o alô pra fulano!*” Mas eu me adaptei tentando não mudar muito como eu me comportava no palco: olhando para as pessoas. E eu senti que as pessoas estranhavam. O povo olha, mas o artista não se comunica mais, não tem mais olho no olho. *Nam*, pra mim não é assim não, *meu filho*, tem de prestar atenção no serviço! (*rindo*)

Cantar pra uma nova geração foi um aprendizado, eles passaram a conhecer o

meu trabalho. Mas eu vejo que tudo é providência de Deus. Talvez se eu sáisse do Mastruz direto pra uma carreira solo, não tivesse dado certo. Porque eu não *tava* preparada psicologicamente pra isso, eu saí de um formato e não sabia como era o outro mercado, mas o Forró do Bom me mostrou isso. Tudo muito novo pra mim. Na carreira solo, eu tenho de saber mexer nisso aqui ó (*mostrando o celular*), pra me divulgar, fazer propaganda do meu trabalho. Eu era acostumada a responder às cartinhas dos fãs.

Theyse – Você falou na pré-entrevista sobre a questão das composições. Você chegou a compor mas não deu muito certo. Agora, você é Simplesmente Kátia Cilene. Depois dessa turnê Pra Matar a Saudade, você tem vontade de compor?

Kátia – Esse projeto “Simplesmente Kátia Cilene - Pra Matar a Saudade” era o que eu tinha de fazer pra dar o pontapé inicial no mercado. Não adiantava eu sair agora com músicas autorais. E *aí?* Seria muito mais difícil do que entrar no mercado com músicas que as pessoas já conhecem. Eu cantei em Varjota (*município do Ceará*) recentemente e recebi um *feedback* muito bacana dos jovens, eles baixaram meus Cds. Músicas antigas que pra eles eram atuais. Esse momento tá sendo propício, planejado por Deus pra tá trabalhando sozinha.

Caio Vitor – Mas você pretende compor?

Kátia – Eu tenho preguiça, tu acredita? Eu acho que é por causa do tempo, não priorizo isso.

Rute – Kátia, sobre a saída no Mastruz, você relatou que uma das razões foi para dar mais atenção ao André Luis. Quais foram os outros motivos que a fizeram sair depois de 17 anos?

Kátia – O motivo mais forte foi o meu filho. Mas eu *tava* cansada, muito cansada. Eu passava 15 dias na estrada, sem retornar pra casa. Eu queria passar mais tempo em casa, ter mais qualidade de vida, ter amigos aqui, viver tudo que eu vivi nesses sete anos no Forró do Bom. Eu tô adorando. Era dedicação total à banda, muitas renúncias que fazem a gente pensar se vale a pena. Eu não me arrependo de nada que eu vivi no Mastruz. Mas todo mundo tem os momentos de mudanças

Durante a entrevista, um grande empresário do meio artístico adentrou a sala, sem perceber que estava reservada.

Ela o reconheceu e tentou lembrar quem era. Conseguiu recordar e, no fim da entrevista, foi cumprimentá-lo. Ele estava em um almoço de negócios.

Os garçons olhavam a entrevista pela vidraça com curiosidade para verem Kátia Cilene, mas, em nenhum momento, entraram na sala que tinha sido reservada para a entrevista.

na vida. Aconteceu naturalmente.

Caio – Você sempre cantou músicas apaixonadas e já afirmou que gosta de cantar olhando no olho do seu público. O repertório da carreira solo e sua postura vai seguir a mesma linha ou pretende mudar algo?

Kátia – Eu gosto muito de cantar músicas românticas e bem ritmadas, porque eu gosto de dançar. As letras devem seguir a mesma linha, porém o ritmo pode mudar. Com mais arranjos e uma *batida* mais atual. Nesse novo *Cd* tem uma mistura do forró *reggae*, a *batida* antiga e a *batida* mais atual.

Claryce – Se a sua carreira de cantora não tivesse dado certo, que profissão você seguiria?

Kátia – Eu tenho certeza de que eu seria psicóloga ou jornalista. Eu gosto de comunicação, apresentar programa. Mas eu também amo a psicologia, acho lindo analisar a mente das pessoas, o porquê das ações.

Theyse – Isso tem ligação com a espiritualidade?

Kátia – Tem. Quando eu comecei a estudar a doutrina espírita, eu vi que a psicologia tem tudo a ver.

Nícolas – Você falou que entrou no forró porque era o que tinha mais perto. Em algum momento da carreira você já pensou em deixar o forró pra investir em outro estilo musical?

Kátia – Não. Quando eu comecei a cantar, lavando as louças no quintal da minha mãe, eu cantava músicas da Rosana (*cantora brasileira conhecida pela interpretação da música "O amor e o poder" na década de 80*). "Como uma deusa você me mantém" (*cantarola*) Acho que vocês nem conhecem... (*rindo*). (*Todos respondem que sim, rindo*). Eu amava as músicas dela, da Adriana (*cantora brasileira*). Mas tava ligada direto no forrózinho, Eliane, Luzirene, Ermelinda, Sheila Mi (*cantoras de forró*).

Aline – Você recebeu muito apoio dos fãs na sua carreira? Como você vê a receptividade do público?

Kátia – Superpositiva. Eu agradeço a Deus o tempo todo. Muitas mensagens nas redes sociais. Dificilmente aparece uma crítica que não é construtiva. Tá valendo a pena, tô acreditando nessa nova fase. Eu senti algo parecido quando eu dizia chorando pra minha mãe: "Eu vou fazer sucesso, a senhora vai ver!" Ela morria de medo de eu me decepcionar e ter algum trauma. Mas deu certo.

Carol – Você acha que alcançou o sucesso com o qual sonhava desde o começo?

Kátia – Eu nem imaginava tanto. Eu pensava muito no formato do Ceará, porque eu

via os cantores daqui. Quando eu via alguém daqui cantar em programa nacional eu me emocionava. Era como se eu sentisse que ia acontecer comigo e aconteceu. Mas eu juro que não *tava* preparada pra isso. Tipo assim: vai! (*rindo*)

Diego – Como você se sente em ser filha do Ceará e trazer essa representatividade pra cá?

Kátia – Gente, vocês não têm noção de como eu já briguei falando bem de Fortaleza! (*todos riem*) Eu falo: "Ave meu Deus, minha cidade é maravilhosa, no meu Estado, aonde eu chego eu me alimento bem. Qualquer *botequim* tem uma comidinha gostosa!" Não é assim em qualquer lugar. Aqui o tempero é bom, na medida. Quando eu *tava* no Forró do Bom, uma vez a gente rodou Salvador (*capital do Estado da Bahia*) inteira atrás de refeição depois de um show e não achou nada aberto. Ainda era uma hora da manhã! Nós só encontramos uma loja de conveniência de um posto. E eu: "Poxtaí, que eu já tinha ido para o Azilados (*lanchonete de Fortaleza com atendimento 24h*) faz é tempo lá em Fortaleza!" (*todos riem*) Eu sou apaixonada por Fortaleza, tenho muito carinho. Só fico *bem murchinha* quando falam da violência, que não posso dizer nada.

Julia – Kátia, o que a geração passada, a atual e as futuras podem esperar da Kátia Cilene como cantora?

Kátia – Eu só posso falar desse momento. Não posso falar muito do futuro porque ninguém sabe o dia de amanhã. O dia de amanhã pertence a Deus, eu sempre entrego nas mãos dele. Mas eu sei que não vou parar de cantar *tão cedo*. Eu sinto isso, não tem jeito. Eu não consigo parar de cantar, já tentei. Eu quero fazer outras coisas, fazer faculdade, estudar inglês, tudo que eu não consegui fazer. Talvez eu diminua o ritmo de shows daqui uns anos. Eu pretendo fazer tudo isso, se Deus me der oportunidade.

Theyse – Você acha que a música e a arte vieram tão fortes que podem passar para outras vidas?

Kátia – Eu acho que ela já veio, por ter vindo muito forte desde criança. Quando temos alguma coisa muito forte dentro de nós, acho que vem de outra vida. Talvez passe ou não. Mas eu aprendi muita coisa na música, eu poderia ter me prostituído, ter me drogado, virado alcoólatra. Mas não escolhi. A minha religiosidade me ajudou nas minhas escolhas. Tudo isso foi muito importante pra minha vida, moral e profissionalmente.

No final da entrevista, a turma fez uma *selfie* com Kátia Cilene por medo que as fotos de Filipe Pereira estivessem tremidas.



Diego pediu para tirar uma foto com Kátia no celular dele para mostrar à mãe, grande fã da cantora. Ele disse que a mãe não poderia sair de lá sem uma foto com ela.

“A minha religiosidade me ajudou nas minhas escolhas. Tudo isso foi muito importante pra minha vida, moral e profissionalmente”.

Na reunião de avaliação da entrevista, vários alunos relataram que, apesar do nervosismo, sentiram-se à vontade com Kátia, pois ela transmitia tranquilidade.